

O COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTOR—D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

PREÇO DA ASSIGNATURA

12 mezes, com estampilha 2\$400—12 mezes, sem estampilha 1\$800—Brasil, 12 mezes, moeda forte 4\$200—Avulso 20 rs.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS

PUBLICAÇÕES

Correspondencias partic. cada linha 40—Anuncios cada linha 20—Repetição 10 rs.—Assignantes, 20 p. c. d'abatimento

BRAGA—3 DE ABRIL

O Sr. Arcebispo Primaz e os seus inimigos

VI

O fogo do inimigo vai enfraquecendo. Quem compulsa os dois ultimos numeros do «Diario do Commercio» reconhecerá sem esforço, que as hostes inimigas estão faltas de provisões e já vomitam as suas ultimas balas.

E' sempre assim! Por mais que se esbofem os defensores das causas perdidas, por mais que esbravegem e esconjuram o que ha de mais sagrado, por mais que arranquem rancores, que tumultuam em seu peito com a violencia do vulcão, tem de ceder á fatal lei, que domina as causas más.

Firmados sobre areia, julgaram os inimigos do Sr. Arcebispo, que estavam em terreno seguro e firme! Foi uma alucinação produzida pelas paixões, que haviam creado raizes em seu coração e que, tomando corpo, ensombraram de todo o seu espirito.

Desgraçados combatentes, que nem lhes resta a gloria de serem os vencidos d'uma causa honrada!

A victoria, que temos quasi nas mãos, é motivo, para que a nossa prosa corra hoje alegre, porque esta nossa causa, como tantas outras, é desmentido formal a uma visão prophetica d'uma penna mui bem aparada, que principia assim: «o reinado dos parvos nos assusta com a tremenda ameaça de se prolongar além das raia do toleravel, a ponto de só talvez nos restar a desconsoladora probabilidade de o vermos substituido pelo reinado dos velhacos».

E' verdade, que

FOLHETIM

A CONDIÇÃO DO HOMEM

A condição de um homem designa o lugar que elle tem e que deve manter nas diversas ordens que constituem as sociedades e a economia politica.

Cada condição tem seus deveres, suas obrigações, suas congruências. Amovermos d'ella é delinquirmos mais ou menos contra a moral.

Guardando a nossa condição, não quer dizer que não devamos por amor de nós mesmos, por amor de nossa familia, muitas vezes por amor do bem publico, melhorar o nosso estado exterior, de onde a nossa condição depende tanto como do nascimento.

Muitas vezes por este amelloamento mudamos de condição, e, alcançando-nos a uma ordem superior, contrahimos novas obrigações, que é tambem do nosso dever cumprir strictamente.

As simples riquezas tornam-nos d'uma vaidade ridicula quando, fazendo-nos olvidar a nossa condição primitiva, nos levam a pretender, a exigir os privilegios de uma condição superior.

Se, d'um outro lado, para sahir da nossa condição, empregamos meios injustos, criminosos nos tornamos então.

Entim, erro não pouco perigoso é o julgar do merito ou da preeminência das condições pelo brilhar dos dispendios ou pelo luzimento de algumas distincções.

E' a utilidade de cada condição com

«A commentos depravados.
Nunca a virtude escapou».

Mas tambem a verdade póde arrostar com os detractores e

«Vencel os
Prostrai os
Deixal-os
Sem vida»

Porque

«Quando a censura desvaira, ferindo o que todo o mundo admira, então o seu mais seguro effeito é o exaltar a gloria que procurava rebaixar».

Mas deixemo-nos de colloquios e proloquios; o tempo urge e é necessario passar desde já ao campo da controversia.

Vamos a elle.

XIII accusação: (1) o arcebispo de Braga occulta as accusações aos padres, que, suspensos ha tres annos, requerem, para que, ao menos, se lhes declare, quaes são os delictos porque tão prolongadamente são castigados.

(1) Antes d'esta accusação diz o «Diario do Commercio»—que o arcebispo odeia a imprensa e quiz amordaça-la com a reservação do peccado diffamatorio. A esta accusação, que trouxe aqui por incidente, responderemos n'outro logar, onde o «Diario» a desenvolve.—Allude tambem a jesuitas intrigantes. Não sabemos quem elles sejam, nem precisamos saber, porque não tractamos da defeza dos jesuitas.—Refere-se ainda aos arceprestes hypocritas. Não nos occupamos agora da defeza de arceprestes, portanto, nada diremos sobre similhante incidente.

Fazemos estas declarações, para que se não diga, que ommittimos accusações formuladas contra o Sr. Arcebispo.

referencia á sociedade que deveria determinar-lhe o logar; assim como a estima devida a cada particular deveria ser ajustada pela maneira como cada um se ha-nem na condição em que a Providencia o collocou. Vê-se, portanto, que a condição de um homem se refere ao logar que elle deve ter e ao estado que mais relação tem com o seu genero de vida na sociedade.

Em qualquer condição, porém, que se esteja não é possível validar o logar que ella poderia assignar-nos sem que se cumpram exactamente os deveres do estado inherente a essa condição.

Todo o homem deve estar contente com a sua condição. E' o que mui raro se vê. E a quem imputar a culpa? A nós, simplesmente a nós. Não ha condição, por mais má que seja, que não offereça um lado bom. Cada estado tem o seu ponto de vista. Devemos attender a isso. A culpa não cabe ás situações, cabe nos a nós. Devemos queixar-nos mais do nosso caracter do que da nossa fortuna. Attribui-mos aos acontecimentos os defeitos que não provém senão do nosso caracter. O mal está em nós: não o procuremos fóra de nós. Amaciando o nosso genio, mudamos muitas vezes a nossa fortuna. E' nos muito mais facil ajustarmo-nos ás coisas, do que ajustar as coisas a nós. Frequentemente a applicação em procurar o remedio irrita o mal; e a imaginação, de intelligencia com a dor, augmenta-o e fortifica-o. O attentar nas desgraças aglomera-as, conservando-as presentes á alma. Uma resistencia inutil retarda o ha-

Não sabemos quem são estes padres a quem o «Diario do Commercio» se refere. Nem indagámos os seus nomes, para que não houvessemos de discutir as suas pessoas.

O «Commercio do Minho» conserva-se n'este posto para defender e não para aggreir, muito menos as pessoas, que não são culpadas das imprudencias do accusador, que pretende arrastal-as ao campo d'esta discussão.

Se, porém, o «Diario do Commercio» entender, que existem no arcebisado alguns clérigos, que estejam soffrendo alguma injustiça pela fórma, que indica, queira declarar os seus nomes e assumir perante elles a responsabilidade d'uma discussão, em que é necessario indagar os seus delictos, ou os seus crimes e as allegações, ou considerando do juiz, que lhes applicou a pena de tão demorada suspensão, se não fôr segredo de justiça, ou não fôr prohibido pela praxe observada em todas as dioceses e muitas vezes na ordem civil e politica.

XIV accusação: é supremo o desprezo a que o sr. arcebispo vota os negocios ainda os mais importantes dos seus diocesanos; é habitual a indifferença, com que olha os legitimos interesses de todos os seus subditos; por quanto:

1.º, abafa muitos requerimentos nas gavetas da sua secretária: muitas e muitas vezes os requerimentos são lançados na caixa com testemunhas, para assim se obter um despacho; outras vezes se tiram publicas fórmulas e isto se declara nos requerimentos e d'este modo se obtém um despacho, que antes tinha sido por vezes indeferido (sic).

E' falso este fundamento da accusação. Nunca se abafaram requerimentos. Venha um só facto authenticico, que nos desminta.

bitio que ella contrahiria com o seu estado. E' necessario ceder ás desgraças. Envia-as á paciencia: só a ella respeita sua visual-as... Attendamos aos bens do nosso estado, que as penas que d'elle provêm serão melhor de supportar. Um homem prudente, em condições taes, frue evidentemente mais bens e soffre menos males.

Devemos ter sempre em vista que não ha condição alguma que deixe de ter as suas penas. E' esse o estado da vida humana. Nada puro; tudo é misturado.

Pretender uma felicidade constante e absoluta é querer isentar-se á lei commum. As pessoas que se nos antolham as mais felizes, não nol-o pareceriam de modo algum se ponderassem a sua fortuna ou a sua alma. Os mais elevados são muitas vezes os mais desgraçados. Com grandes cargos e maximas vulgares está-se sempre alvoroçado. E' a razão que varre os cuidados da alma, e não as posições. Se se é prudente e circumspecto, a sorte não póde augmentar nem diminuir a felicidade.

Julgemos por nós mesmos, e não pela opinião d'outrem. As desgraças e os desgagements dimanam dos falsos juizos, os falsos juizos dos sentimentos e os sentimentos do trato que se tem com os homens, da sociabilidade. Para attenuar a impressão que elles nos causam, e para moderar os nossos desejos e os nossos males, pensemos em que o tempo arrebatá os nossos pezares e os nossos prazeres; que cada instante, por muito joven que sejamos, nos rouba uma parte

Se algumas vezes não apparecem na secretaria os requerimentos com os seus despachos, outra é a causa: ou taes requerimentos nunca entraram na secretaria, fingindo o contrario os supostos interessados; ou os inimigos do Prelado abafam os requerimentos por diversos motivos, que não podemos discutir aqui; ou a petição é feita por fórma tão cavillosa, que é prudente não lhe dar despacho; ou os despachos demandam demoradas informações e apparecem sómente depois de obtidas nas estações competentes.

Em pouco mais de oito dias se realisaram duas d'estas hypothesees. No dia 24 de março pretenderam requerer certos esclarecimentos sobre o numero de dispensas de proclamas concedidas no anno findo e mostraram o requerimento ao digno secretario da camara ecclesiastica, que observou ao pretendente, que era impossivel, que fosse despachado, attenta a fórma cavillosa, em que fôra concebido; o supplicante declarou, que o não submetteria a despacho, e se retirou. Não lançou a despacho o requerimento; no dia 28, porém, veio dizer o «Povo de Braga», amiguinho muito amavel do Prelado, que «s. exc.ª não despachára no dia 24 um requerimento, em que se pedia a certidão, de quantas dispensas de proclamas se tinham passado no anno findo».

Não foi lançado a despacho o requerimento e afirma-se, que o solícito Prelado se negara a despachal-o! Que desplane na mentira, que descaro na calumnia!

Não se diga, que o «Povo de Braga» fôra victima d'uma falsa informação. Não foi, porque era elle o interessado no despacho do requerimento.

Continuemos a narração do facto e teremos n'elle não só a prova do nosso assérto, mas tambem a realisação d'uma outra hypothese das que acima apresentamos

de nós mesmos; que todas as coisas no subvertem continúa e aceleradamente no immenso sorvedoiro do passado, do qual nunca mais sahem.

Tudo o que ha de maior nem por isso é mais bem tratado do que nós. Essas honras, essas dignidades, essas preferencias estabelecidas na sociedade pela sociedade, são espectaculos e ceremonias vazias de realidades: não se julgue que sejam qualidades ligadas á essencia do homem.

Eis como devemos olhar aquelles que estão acima de nós. Mas não percamos de vista um numero infinito de desgraçados que estão abaixo. Não devemos senão ao acaso a differença que ha de nós a elles.

O orgulho e a alta opinião que temos de nós mesmos, faz-nos olhar como um bem que nos é devido o estado em que estamos, e como uma extorção tudo o que não temos. Ver que nada ha mais injusto do que isto não é difficil.

Gozemos das vantagens do nosso estado, mas sofframos resignadamente os desaires que d'elle nos advém.

Pense-se que por toda a parte onde ha homens, ha desgraçados. Obtenhamos, se é possível, uma extensão de espirito que faça ver os accidentes como previstos e conhecidos. Entim, lembremo-nos que a felicidade depende dos costumes e do proceder, mas que o cumulo da felicidade está em procurar a innocencia, ou de nunca foi procurada em vão.

Adolpho Salazar.

No dia 1.º do corrente o que todos apontam como principal redactor d'este nosso mellifluido «Povo» apresenta-se feito testemunha d'um requerimento igual.

Não obteve despacho favoravel, porque era cavillosa a petição: pretendia saber o producto das multas das dispensas dos proclamas, concedidas durante um anno, sem se importar com a somma das esmo-las e mais despesas em obras pias, para afirmar mais uma vez, que *não se sabe qual a applicação, que o Prelado tem dado a essas quantias, producto das multas*. Mais tarde responderemos a esta torpe insinua-ção.

Narrámos este facto com a singeleza da verdade, para que todos avaliem da sinceridade dos escriptos do seculo XIX. Desculpem-nos os nossos leitores por ha-vermos cançado sua attenção judiciosa com a longa exposição do facto. Era necessa-rio, que a luz se fizesse, para que fique bem conhecida a enormidade da estatura d'estes heroes d'uma causa perdida.

Não respondemos á segunda parte d'este fundamento da 14.ª accusação, porque não sabemos qual é o seu sentido. Escla-reça nos o nobilissimo articulista do «Dia-rio do Commercio». A resposta será prom-pta e franca.

2.º, demora a collação dos parochos, que esperam dois e tres mezes, para que o arcebispo marque dia, para o exame synodal.

E' falso. A abundancia de negocios e outros exames demandam algumas vezes, que a instituição canonica dos presbyte-ros apresentados se demore, mas nunca pelo tempo de dois ou tres mezes. Se assim fôra, muitos pretendentes de tão vasta archidiocese estariam esperando pelo dia da sua collação; succede, porém, o contrario: actualmente apenas dois espe-ram, que se lhes marque o dia para o seu exame synodal.

Andae, accusadores, é afirmar tudo quanto satisfaça vossa má vontade. Taes affirmações seriam para vós o mais en-cantador dos idyllios, se a voz da verda-de lhes não cantasse as elegias mais cho-rosas. Quanto é ephemera a vossa illu-são! Após ella vem a realidade e a realidade é tão triste!

Pois fiquem hoje abraçados á sua triste realidade.

Mirem-se, revejam-se n'ella; talvez se lisongeiem; seus Narcisos de nova e me-donha especie! Talvez...

Transcrevemos do «Jornal da Manhã» o que se segue.

E' mais uma resposta eloquente a uma falsa accusação, que um correspondente d'esta cidade levou ao «Primeiro de Ja-neiro»

Quanto nos é grato ver, que os pou-cos inimigos do Snr. Arcebispo Primaz deixaram as conversas particulares em que se difamava o bom nome do virtuoso Arcebispo, para virem á imprensa com todas as difamações, que em seus conciliabulos rominavam! Quanto nos é grato, repetimos, ao lermos na mesma imprensa a refutação de tantas e de tão mysteriosas ac-cusações!

Receíamos por momentos, que a guerra promovida contra o Snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa diffamaria o seu nome e abalaria o principio de aucto-ridade. Mas hoje estamos convencidos, que o homem e o Prelado teem alcançado um triumpho completo.

Segue-se o que diz no «Jornal da Ma-nhã» o seu illustrado correspondente d'esta cidade:

«O «Primeiro de Janeiro» de sabbado publicou um communicado d'esta cidade, tendo por epigraphe—O Snr. Arcebispo de Braga—que é mais uma diatribe mi-seravel, uma calumnia infame contra o venerando e respeitabilissimo prelado d'esta diocese.

E' sempre a mesma mão covarde que se levanta a arremessar as pedradas da in-juria; partem sempre do mesmo lodaçal as insinuações perfidas, as mentiras, as accusações que ultimamente e por moti-vos que ninguém aqui ignora, se tem le-vantado contra o Primaz das Hespanhas. Esses motivos já os disse o «Jornal da Manhã» e não é mister relembral-os por agora.

Nesse communicado, a que alludimos, por entre umas banalidades com preten-sões a erudição balôfa e a espirito chôcho e umas declamações malevolas, vem uma insinuação perfida que carece d'uma ex-plicação.

Falla-se alli d'uns castiçaes de prata,

que o generoso prelado desejava mandar de mimo a S. Santidade e que ficaram a um canto, sem que fossem enviados para Roma.

Explicamos esse facto, adrede em-brulhado e invertido, e mais uma vez se conhecerá a falsidade da insinuação e a perversidade do miseravel insinuador.

Antes do Snr. Arcebispo aqui chegar para tomar posse da diocese, tinham-se promovido uns donativos para S. Santida-de, que montaram, cremos nós, a uns 12 contos de reis.

Tinham ficado 30\$000 reis, ou porque se receberam depois da reinessa d'aquella quantia para Roma, ou por qualquer ou-tro motivo, que ignoramos, mas que pou-co importa para o caso.

Deram parte d'isto a s. exc.^{as} os snrs. D. Deão e conego Martins, e accordaram esperar ensejo de por qualquer fórma fa-zer chegar a S. Santidade a importancia d'aquella quantia de 30\$000 reis.

Tempo depois promovia no Porto o snr. D. Antonio d'Almeida um bazar, com o fim de dar ao seu producto o mesmo destino, enviando-o para Roma.

Foi então que o Snr. Arcebispo, de combinação com os mesmos snrs. Deão e conego Martins, resolveu empregar aquelles 30\$000 reis na compra d'um objecto e destiná-lo ao bazar que no Porto se promovia, visto que o fim era o mesmo.

Encarregaram-se os snrs. Deão e Mar-tins da compra d'aquelle objecto, e esco-lheram uns castiçaes de prata.

Como se demorasse a realisação d'a-quelle bazar e se dissesse que o seu pro-ducto ia ser destinado para as victimas da inundação, entenderam que melhor se correspondia á intenção e á vontade dos subscriptores fazendo chegar a S. San-tidade por qualquer fórma aquella quantia de 30\$000 reis, resto da subscrição pro-movida n'esta diocese, e não lhe dar uma applicação, embora justa, mas diversa da vontade de quem subscriveu.

Organisava-se por esse tempo a pere-grinação a Roma e resolveram alguns ca-tholicos d'esta cidade enviar por essa oc-casião ao Papa um objecto de valor, que fosse um testemunho da religiosidade dos fieis d'esta diocese, e uma prova do seu affecto e do seu respeito pelo Chefe da Igreja Catholica.

Julgou então o Snr. Arcebispo que era boa occasião de fazer chegar ao seu ver-dadeiro destino a importancia d'aquelle resto da subscrição.

Enviar ao Papa os castiçaes que não tinham merecimento algum artistico, pare-ceu pouco razoavel e que não devia fa-zer-se.

Entregou então á commissão encarre-gada de promover donativos, para o obje-cto de arte, que foi enviado ao Papa, a quantia dos 30\$000 reis, obrigando-se as-sim a ficar com os castiçaes comprados pelos snrs. Deão e conego Martins n'um estabelecimento de ourivesaria d'esta ci-dade.

No volume 3.º da «Semana Religiosa» a paginas 79 na relação dos subscripto-res para a aquisição d'aquelle objecto de arte enviado para Roma, lá vem mencio-nada aquella quantia dos 30\$000 reis, não como donativo do Snr. Arcebispo, mas como quantia que elle entregou.

Esta é a verdade dos factos, exposta com toda a singeleza, que mostra a re-gularidade como procedeu s. exc.^a

Se fosse necessario o testemunho dos snrs. Deão e conego Martins, elles não duvidariam vir confirmar a exactidão d'es-tes factos

Como esta são todas as outras insi-nuações por ahí levantadas com o unico fim de magoar o virtuoso Prelado.

Nada conseguem, a não ser a conti-nuação do desprezo publico a que estão desde ha muito votados os calumniadores abjectos do Snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa.

D. Miguel em Lisboa.

A imprensa provinciana continua a occupar-se do notavel acontecimento. Nós não faremos menção dos que sómente copiam os jornaes de Lisboa.

Registraremos porém os que dizem mais alguma coisa.

Assim diz o «Conimbricense»:

«Ha dias démos noticia da vinda a Lisboa, no mais rigoroso incognito da infanta D. Aldegundes, uma das filhas do (Senhor) D. Miguel.

Agora temos a noticiar a vinda do filho do mesmo principe, mantendo igual-mente todo o incognito.

A esse respeito diz o nosso collega do «Diario da Manhã» o seguinte:

(Segue a transcrição do artigo do «Diario» e depois a do nosso primeiro artigo sobre o acontecimento).

Por fim o redactor do «Conimbricense» accrescenta:

Estes factos veem provar cada vez mais a sem-razão com que se mantém a lei de 19 de dezembro de 1834 com respeito á descendencia do (Senhor) D. Miguel.

E esta nossa opinião não é só de hoje. Já ha mais de 13 annos que apre-sentamos n'este jornal.

Em o n.º 2017 do «Conimbricense» de 20 de novembro de 1866 dissemos o seguinte:

«Existe de menos um membro da Casa de Bragança; e á borla de um tu-mulo que se abre, só se devem ouvir pa-lavras de paz.

«Pela lei de 19 de dezembro de 1834 foi banido de Portugal o snr. D. Miguel de Bragança e toda a sua descendencia. Esta resolução, que tinha n'essa epocha a sua justificação como medida de segu-rança publica, não tem hoje razão de ser.

«Somos liberaes e progressistas, e por isso mesmo entendemos, que as portas da patria devem estar francas para todo o portuguez. N'um paiz livre, como aquel-le em que felizmente vivemos, não deve haver proscriptos politicos; e porisso en-tendemos, que o governo que propozer, e as côrtes que abolirem aquella lei, te-rão bem merecido da patria.»

No «Conimbricense» de 24 de feve-reiro ultimo repetimos a mesma opinião, por occasião de publicar a mencionada lei de 19 de dezembro de 1834.

Somos liberaes, e porisso mesmo não defendemos medidas tyrannicas e até ab-surdas » (1)

Joaquim Martins de Carvalho.

O «Commercio de Penafiel» diz em sua correspondencia de Lisboa de 17 de março:

«Esteve entre nós o snr. D. Miguel II, filho do infeliz (Senhor) D. Miguel I, que a politica do seu tempo arremessára para longe da patria, que elle tão ardente-mente adorava, recordando e proferindo no exilio o nome do seu querido Portu-gal.

Esse mesmo amor e dedicação por Portugal transmittiu-o a seus filhos, dois dos quaes o visitaram já debaixo do mais rigoroso incognito. O snr. D. Miguel entrou no dia 11 no Tejo, saindo no dia 15 de tarde. Não esteve hospedado em ho-tel, como disseram alguns jornaes. Viu tudo o que ha de mais agradável em Lisboa e seus arredores, Cintra, Queluz, Ajuda; passeiou pelo Chiado, Passeio Pu-blico e Estrella; e no domingo foi assis-tir á tourada que se realisou em Saça-vem, saindo como disse na segunda de tarde.

Em Cintra jantou á meza redonda com o cunhado o conde de Bardi, conde de Ceilern e outro cavalheiro, conversando sempre em francez, pelo que os serven-tes os julgavam de França, ficando ad-mirados quando ao levantarem se da meza os quatro hospedes, lhes disse o snr. D. Miguel: «Digam ao cocheiro que pare on-de se vendem as queijadas».

Um saioio que conhecera o snr. D. Miguel I, disse ao vêr apear o filho: «Nunca vi pessoa tão parecida com o snr. D. Miguel que Deus tenha na glo-ria».

O «Campeão das Provincias» extrai as noticias, que dá, dos jornaes de Lis-boa e conclue:

«O principe guardou o mais rigoroso incognito, e apenas se soube da sua ar-»

(1) O redactor do «Conimbricense» é assaz imparcial e sisudo por crer, que se a ordem de cousas estabelecida em 1828 houvesse continuado em paz, sem resistencias cruentas, os males, que sur-giram depois, não teriam existido; que se em vez de um 34 liberal, tivesse ha-vido um 34 miguelista, certo que se não teriam presenciado o 34 e seguintes tão liberaes, como nós sabemos; que emfim este fausto 34, ha muito, teria sido co-rodado pela união de toda a familia por-tugueza.

rojada excursão, depois que o yacht lar-gou do Tejo».

Os adversarios de boa fé reconhecem, que a excursão foi arrojada; que portan-to a situação não era de todo segura. Nós não precisamos ir mais longe.

A «Correspondencia de Coimbra» diz que «o caso extraordinario passou desper-cebido.»

Isto é simplesmente impagavel!

«Os jornaes apenas noticiaram» mais impagavel!

«O caso pareceu naturalissimo» impa-gabilissimo!

D'estes taes resava o grande poeta italiano:

... guarda e passa...

Um semanario, ou o que quer que é, que se compraz em annunciar as pre-lecções, que celebram o anniversario da communa, devia tambem dizer a despro-pósito varias coisas innominaveis por sem-saboria, parvoice, e arrieirice.

Não merece mais palavra...

GAZETILHA

PREVENÇÃO AOS NOSSOS AS-SIGNANTES

Prevenimos os nossos estimaveis assi-gnantes de que TODA a correspondencia deve ser dirigida unicamente

A' Administração do Commercio do Minho.

Regio anniversario.—Perfaz hoje 49 annos a Senhora D. Adelaide Sophia, mãe do Senhor D. Miguel de Bragança.

As nossas felicitações á augusta Fam-ilia proscripta.

Chronica religiosa.—A'manhã: Expõe-se o Santissimo no templo do Sal-vador.

Exercicio do SS. Coração de Jesus no Collegio.

Procissão do Rozario na Sé, e das Dôres nos Congregados.

Festa e romaria de S. Gregorio na sua capella, suburbios da cidade.

A capella-mór do Bom Jesus do Monte.—Tem sido muito visitada ul-timamente desde que está exposta ao pu-blico a nova pintura e decoração, a que mandou proceder a digna Meza. Tambem lá fomos, e deixou-nos a mais grata im-pressão o trabalho executado. O elegante e magestoso templo do Bom Jesus estava requerendo uma completa supressão das suas escaioas grosseiras, e muito será pa-ra lastimar que a decoração limitada por ora á capella-mór, não continue em breve por todo o templo.

O aspecto geral da pintura é extrema-mente agradável, não só pela correcção do desenho, mas muito principalmente pela grande harmonia de tons, que indi-cam bem claramente, que o pintor mr. Lefebvre é um habil colorista.

Além d'isso ha sobriedade nos orna-tos, o que não podemos deixar de applau-dir sempre, e muito principalmente no templo do Bom Jesus, onde o architecto soube harmonisar a verdadeira elegancia com uma grande simplicidade de linhas. Esta sobriedade, porém, não prejudica o effeito festivo e o aspecto de riqueza, que a mesma decoração apresenta em virtude das molduras a oiro que a vista desco-bre por toda a parte. O calvario foi tam-bem reformado pelos esculptores Domingos Vieira e filho, moradores na rua da Pon-te, d'esta cidade.

São dignos d'elogio os distinctos ar-tistas que no curto espaço de tres mezes conseguiram melhorar consideravelmente as antigas esculpturas dos soldados roma-nos, dos dois ladrões crucificados e d'ou-tras figuras.

Damos os parabens á infatigavel Meza do Real Sanctuario, e fazemos votos para que brevemente se continuem os traba-lhos de decoração no resto do templo.

Festividade.—Sexta-feira, 9 do cor-rente, effectuar-se-ha na sua capella, junto do Hospital de S. Marcos, a festividade a S. Bento, transferida do dia 21 do mez findo. A's 10 horas da manha can-tar-se-ha missa, havendo depois do Evan-gelho sermão, prégado pelo revd.º fr. Manoel da Madre de Deus.

E' d'esperar que tão milagroso Santo, que fornece annualmente para os doentes do Hospital cerca de 10:000 ovos, se-ja visitado por grande concurso de devo-tos.

Relação dos donativos recebidos pelo Asylo de S. José durante o mez de março de 1880.

Os illm^{os} snrs. e snr.^{as}:

Arcebispo Primaz, 20,000 rs.
D. Antonia Rita dos Prazeres, reis 50,000.

D. Maria Amalia d'Almeida, 5,000 rs.
D. Maria José Soares Pinto, 2,250 rs.
Polícia Civil n.º 20, 70 rs.

Diversos, 5,250, lançadas na bandeja no dia de S. José.

Condessa de Bertandos, 24,178 litros de feijão.

D. Maria José Capella, 11,850 de vinho.

José Antonio Rebello da Silva, 40 es tampilhas.

Anonymo, 6,045 litros de castanhas secas.

Idem, 1 carneiro e 2,295 kilog. de massa.

Em nome dos pobres asylados a commissão administrativa agradece a todos os bemfeitores a esmola que se dignaram dar, e bem assim ao exm.^o snr. Henrique José Alves, por ter prestado gratuitamente a musica e guarda no dia da festa de S. José; ao exm.^o Manoel de Brito Furtado de Mendonça por ter mandado fazer gratuitamente o serviço de policia, e ao illm.^o snr. Manoel João de Paiva, pela musica da capella que gratuitamente arranjou para tocar na missa da referida festa.

Braga e secretaria de S. José, 31 de março de 1880.

O secretario

J. P. de Castro.

Atravez da provincia.—No dia 23 do passado, foi preso em Barcellos, José Gomes dos Santos, da freguezia de Terroso, do concelho da Povia do Varzim, na occasião em que offercia á venda uma copa do calix e uma patena de prata dourada. Depois de haver declarado primeira e segunda vez, que comprara esses objectos a um poveiro, confessou tel-os furtado no dia 20 do corrente, da sacristia da igreja da sua freguezia. Communicado o caso telegraphicamente pelo snr. administrador do concelho de Barcellos ao da Povia do Varzim, e confirmada por este a verdade d'elle, foi José dos Santos enviado para alli com os objectos furtados e respectivos autos.

—Ha dias foi presa na freguezia de Poiares, do concelho de Ponte do Lima, a celebrada Josefa Ayres, na occasião em que estava fazendo missão, e esperando pelo apparecimento do anjo S. Bernardo. Deu ella com seu marido Antonio José d'Andrade entrada na cadeia de Ponte do Lima, no mesmo dia, aonde esperarão pelo 3.^o julgamento e provavelmente 3.^a condemnação. As dez pessoas que formavam o auditorio da «inspirada» na occasião da prisão, e eram de Vianna e das freguezias de Serreleis, Portella de Azão e de Poiares, tambem foram levadas em custodia á presença da auctoridade administrativa, mas postas em liberdade.

—Na tarde de 27 do passado uniram-se pelos sagrados laços do matrimonio, o snr. Manoel A. da Silva Villaça, e a exc.^{ma} snr.^a D. Idalina Dias de Castro, filha do snr. João Dias de Castro, de Guimarães.

A cerimonia nupcial teve logar na parochial igreja de S. Miguel de Creyxomil, com a assistencia de numerosissimos amigos e familias das relações do snr. João Dias.

—Durante a semana finda em 27 do passado deram-se á sepultura nos cemiterios publico e da ordem terceira da cidade de Vianna os cadaveres dos seguintes individuos:

Manuel Pedro Coutinho, 22 a., s.; Manuel da Cruz Vianna, 18 a., s.; ambos da freguezia de Santa Maria Maior, d'esta cidade.—João Fiuza, 80 a., s.; Antonio de Freitas, 70 a., c.; Francisco de Barros Soutinho, 63 a., v.; todos da freguezia de Monserrate, d'esta cidade.—Maria Rosa, 44 a., s.; da Labruja, concelho de Ponte do Lima.—Miguel de Castro, 50 a., s.; da Galliza.

—Está gravemente enfermo em Guimarães, o ill.^{mo} snr. dr. José Antonio de Castro Meirelles.

—Dizem de Vianna:

Solemnes correram as ceremonias com que nas diferentes igrejas, a que ha dias nos referimos, se commemorou o sangrento drama da redempção do genero humano,

alcançada á custa do ingente sacrificio do Filho de Deus, e operada nos braços da cruz levantada nas cumiadas do Golgotha.

Os templos em que na quinta-feira houve Sagrado Lausperenne estavam illuminados e decorados com esplendor, sobressahindo aos demais, pela profusão das luzes, bom gosto dos ornatos, e grande quantidade de vasos de flores, as duas igrejas parochiaes e a do Carmo.

A noite sahio da igreja da Santa Casa da Misericórdia a costumada procissão do Senhor da Casa Verde, que ia na melhor boa ordem, e com a devida gravidade.

Na sexta houve nas igrejas parochiaes, e nas dos conventos das religiosas, as sollemnidades proprias do dia, taes como a «oração da Cruz, e Enterro, e á noite officios em S. Domingos, findos os quaes pregou o sermão da Soledade o revd.^o prior da freguezia de Monserrate.

No domingo houve a costumada procissão e missa da Resurreição nas duas igrejas parochiaes, finda a qual sahiram a dar as boas festas aos seus freguezes os respectivos parochos.

Lanço de estrada.—Foi approvedo o projecto relativo ao lanço situado entre Valladares e Barbeita, comprehendendo a ponte do rio Mouro, na estrada real n.º 20 de Caminha a Melgaço, no comprimento de 4 498 metros.

O director das obras publicas do districto de Vianna foi auctorizado a dispendir n'este serviço a quantia de reis 31:156\$200, não devendo porém exceder a despesa no corrente anno a 2 contos de reis.

Egrejas a concurso.—Perante o vigario capitular do bispado de Beja, se acha aberto concurso por provas publicas para provimento das seguintes igrejas parochiaes:

S. Bernabé e Santa Suzana, concelho de Almodovar.

S. Bartholomeu da Serra, concelho de S. Thiago de Cacem.

Nossa Senhora do Rosario, concelho de Almodovar.

S. João Baptista de Casevel, concelho de Castro Verde.

Santa Iria, concelho de Serpa.

Nossa Senhora da Assumpção das Oriollas, concelho de Portel.

S. Bartholomeu do Outeiro das Oriollas, concelho de Portel.

Santa Margarida de Sadam, concelho de Ferreira.

Santo André, concelho de S. Thiago de Cacem.

Santa Luzia de Garvão, concelho de Ourique.

Santa Catharina do Valle, concelho de Odemira.

S. Jorge de Villa Verde de Ficalho, concelho de Serpa.

Distinções pontificias.—O Papa Leão XIII dignou-se agradecer as pessoas que formavam o séquito de sua eminencia o snr. cardeal bispo D. Americo, com as seguintes distincções:

Titulo de cavalleiro da Ordem Pia na sobrinha de sua eminencia, o snr. Americo Ferreira dos Santos Silva; cavalleiro da Ordem de S. Gregorio Magno, ao snr. Antonio de Sousa e Vasconcellos, secretario secular; camareiro secreto de S. S., ao revd.^o Antonio José de Mesquita; prelado domestico de S. S. ao revd.^o conego dr. Manoel Ignacio da Silveira Borges, vice reitor do Sem nario; e finalmente camareiro secreto de S. S., ao revd.^o Luiz Augusto Rodrigues Vianna.

Entre archiduque e bandido.—Dramatica é a scena que refere o «Danubio» de Vienna occorrida ha dias no gabinete de trabalho do castello archiducal de Astoc e de que foi em parte heroe o archiduque José.

Eram 5 horas da tarde. Um creado ouviu ruido no gabinete, e não atinando com a razão, porque o amo havia saído, entrou para ver quem o causava, e viu um ladrão forçando as gavetas da secretaria.

O malfetor, sentindo-se perdido, tira uma pistola do bolso e aponta-a ao creado, que tem tempo de se lançar a elle. Trava-se a lucta entre os dois. O ladrão porém já levava de vencida o creado que segurava debaixo dos pés, quando apparece o archiduque. Ao vel-o, o ladrão volta contra o principe o cano da pistola com a mão que podera livrar da preza do creado.

O archiduque José, executando então uma manobra usada no exercicio de fogo das guerrilhas, avança descrevendo breves ondulações, e apodera-se da mão armada do bandido, que poucos momentos depois se achava em poder da justiça.

Fallecimento.—Falleceu ante hontem o revd.^o padre Carlos Ennes Vieira, capellão do côro de N. Senhora da Gloria, e irmão do revd.^o padre Feliciano Ennes Vieira.

Era ecclesiastico de todo ponto exemplar.

O seu cadaver foi hontem de tarde conduzido para o templo de Santa Cruz, onde hoje ha officios fanebres.

Noticia grave.—Do «Diario Illustrado»:

Chamamos a attenção dos poderes publicos para o seguinte telegramma que julgamos da maxima importancia:

LONDRES, 29, M.

Dizem noticias de Caboul que ha grande agitação na linha das communicações inglezas. A «Pall Mall Gazette» assegura que a China vae reclamar a posse de Macau, sendo esta sua reclamação baseada no facto de Portugal haver occupado Macau sem permissão do Celeste Imperio, sem guerra nem tratado.

Desgraça.—Noticiam de Villa Real que na povoação de Lordello, que fica a pequena distancia d'aquella villa, foi arastado e morto por uma cavalgadura, um rapaz de dez annos de idade.

Suppõe-se que a creança conduzindo um macho, apertára a corda ao braço ou ao corpo, e espantando-se o animal, arastou o infeliz. A cabeça ficou feita em pedaços pelas pedras do caminho.

Póde imaginar-se qual seria a afflicção dos paes vendo-se experimentados por tamanho desastre.

Um barómetro economico.—E' uma teia de aranha. Quando está para chover ou ventar, a aranha encolhe muito os ultimos fios que suspendem a teia, e deixa-se n'este estado enquanto o tempo se conserva variavel. Se o insecto alonga os fios, é indicio de bom tempo, e póde ajuizar-se da sua duração pelo grau de comprimento dos mesmos fios. Se a aranha está indecisa, é signal de chuva; se, pelo contrario, se dedica ao trabalho enquanto chove, o mau tempo é de pouca duração e póde esperar-se tempo firme.

Outras observações demonstram que a aranha faz mudanças na sua teia todas as vinte e quatro horas, e que se estas mudanças se fazem de tarde, um pouco antes do pôr do sol, a noite será bella e clara.—D. de P.

Expedição polar portugueza em 1500.—Gaspar Corte Real, fidalgo da corte de el-rei D. Manoel, movido pelo desejo de acrescentar novas glorias ás que para o seu rei e para a nação estavam conquistando tantos navegadores audazes, se propoz investigar o ultimo termo da America septentrional e procurar pelo polo Arctico, caminho para a India. Compunha-se de dois navios a expedição que saiu do Tejo na primavera do alludido anno, e descobriu e correu toda a terra de Labrador, que tambem se chamou terra de Corte Real, a ilha dos Bacalhaus, e outras que tomam o seu nome, indo, ao que se crê, á ilha e estreito de Hudson, que denominou de Caraimelo, que o cardeal Saraiya diz ser corrupção de Caraimelo, allusão á neve congelada. Corte Real tratou, como o snr. Nordenskiöld, mas quasi 380 annos antes com os esquimaus, e talvez com os seus visinhos Tehoukitchés, com que o illustre navegador sueco lidou, e de quem refere os singulares costumes. Corte Real voltou a Lisboa a 15 de Maio de 1501; partiui de novo para emprehender nova e mais larga viagem; tão longa foi que nunca mais houve noticia d'elle, apesar de duas expedições que el-rei D. Manoel mandou a procurar-o. Pinherton disse no seu compendio de geographia: No anno de 1500, Corte Real, capitão portuguez, buscou uma passagem ao norte, que descobriu toda a vasta extensão da costa, comprehendida entre os 37.^o e 70.^o de longitude O. de Paris, e os 52.^o e 62.^o de latitude septentrional. Maltebrun diz que: a ideia de um estreito ao norte da America parece ter tido origem nas relações, ainda mal conhecidas de Gaspar Corte Real, navegador portuguez.

Aos emigrantes.—Com o nosso collega da «Democracia» julgamos fazer um serviço aos nossos compatriotas que tendem a emigrar para o Brazil, publicando uma nota que vem no «Journal official» do governo francez. E' a seguinte:

O governo brasileiro por decreto de 20 de dezembro do anno passado, tendo decidido suspender provisoriamente o regulamento annexo ao de 19 de janeiro

de 1867, concedendo aos emigrantes que se estabelecem nas colonias do estado favores e soccorros, ficam prevenidas as companhias de navegação que transportam emigrados da Europa com destino ao Brazil, que o governo brasileiro, d'oravante, não toma compromisso algum para o desembarque, recepção, commodo e collocação dos colonos com destino ao imperio: os quaes deverão desembarcar e estabelecer-se como elles julgarem conveniente, e á sua propria custa.

Vejam-se n'este espelho.

Monumento da Immaculada Conceição, no monte Saneiro, suburbios de Braga.—A commissão administradora das obras d'este piedoso monumento, tendo resolvido activar o mais possivel o acabamento do templo que se acha em construcção n'aquelle local para onde deverá ser proximamente conduzida a formosa Imagem da SS. Virgem, ha pouco chegada de Roma, onde foi abençoada e enriquecida de muitissimas graças espirituaes pelo immortal Pio IX, encarregou um habil constructor dos trabalhos necessarios, e espera que por todo o proximo mez de julho fique concluida a capella mór do mesmo templo podendo alli ser solememente collocada a Sagrada Imagem no mez d'agosto d'este anno.

Para isto estão empregados mais de cincoenta operarios fazendo uma despesa superior a quinhentos mil reis mensaes. E' porém certo que a commissão não tem redditos alguns para custear esta immensa despesa, que até hoje tem feito com muitissimo sacrificio e apenas ajudada com a piedade e devoção dos fieis e adiantamentos gratuitos a que se teem prestado pessoas devotas.

Resolve pois fazer um appello a todos os portuguezes, pedindo-lhes o auxilio de suas esmolas para ajudar o custeamento das despesas d'este monumento verdadeiramente nacional, pois que é erigido em honra da gloriosa Padroeira d'este reino fidelissimo.

Eia, pois, fieis portuguezes, que o mundo diga que ainda entre nós existe forte e inquebrantavel a fé e as crenças piedosas de nossos maiores!

Um pequeno sacrificio de todos, e teremos o gosto de ver erigido na mais bella das nossas provincias e n'uma das suas mais pittorescas montanhas, onde o coração humano se sente desprendido da terra e enlevado aos ceus, um testemunho perenne da nossa fé e esperanza.

A commissão accieita toda a qualidade de donativos como dinheiro, madeiras e objectos proprios para o culto e decoração do templo, ou prendas, as quaes serão vendidas em basar.

Recebe em Braga o thesoureiro da commissão Antonio José Vieira Machado, praça Municipal, n.º 17—no Porto, Antonio Xavier Lourenço da Costa, rua das Flores, n.º 59 a 63—em Lisboa, Miguel Ferreira de Lacerda, ao Chiado, n.º 58 e 60.

Pedido.—Chama-se a attenção das almas bemfazejas para a humanitaria e pia instituição da conferencia de S. Vicente de Paulo.

Em nome d'esta piedosa conferencia pedimos aos religiosos moradores d'esta cidade a esmola de alguma roupa de cama e de vestir, para os indigentes que aquella conferencia soccorre.

Accieita-se e agradece-se em qualquer setado que essa roupa venha; no largo de S. Miguel-o-Anjo, n.º 14, em casa de Manoel Ignacio da Silva Braga.

A's almas bemfazejas.—Pede-se por caridade uma esmola para o infeliz José Maria, morador defronte da capella de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 3, empregado que foi no Seminario de S. Caetano, e hoje se acha paralitico sem poder articular palavra, e impossibilitado de todo o trabalho.

A' caridade publica.—Recommendamos muito e muito ás pessoas caritativas Leonardo da Silva Guimarães. O seu estado de penuria é extremamente doloroso. Pedimos que pelo amor de Deus, se lembrem de o soccorrer. Mora na rua dos Sapateiros, n.º 24.

A' caridade publica.—Muito recommendamos ás pessoas caridosas o infeliz Antonio Marques da Costa, morador na rua de S. Miguel-o-Anjo, casa n.º 4, 3.^o andar, que se acha na maior necessidade e doente, vivendo só da caridade das pessoas que o soccorrem com alguma esmola.

A' caridade publica — Indigitamos á caridade publica Antonio Rodrigues, solteiro, morador na rua das Palhotas, n.º 15, o qual se acha doentissimo e na miseria extrema.

A' caridade publica. — Recomendamos á caridade dos bemfeitores Antonia Maria, viúva, moradora na rua Nova das Carvalheiras, n.º 6, a qual se acha não só impossibilitada de trabalhar, mas com tres filhos ainda creanças.

A's almas caritativas. — Recomendamos e muito ás pessoas caritativas a desventurada Maria José da Silva, moradora na rua da Escoura, n.º 19. Vive em extrema penuria, e padece de doença incuravel.

THEATRO DE S. GERALDO

Companhia do Principe Real do Porto

Sabbado 3 de abril

Ultima recita e despedida da
Companhia

A opereta comica em 3 actos e 4 quadros.

O MILHO DA PADEIRA.

Principia ás 8 horas e meia.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, filhos, nora e genro do fallecido José Joaquim Lamego, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que os obsequiaram por occasião do enterro do mesmo, o fazem por este meio, protestando o sua gratidão immorreitoria.

Custodio José Maria Lamego.
Elvira Adelaide Sophia Lamego.
Luiza Maria das Angustias Lamego.
Maria da Conceição Pereira Braga.
Bernabé da Costa. (166)

ANNUNCIOS

Vendem-se 2 moradas de casas, ou trocam-se a acções de Bancos; estão situadas no largo da Ponte, n.º 9 e 10. Trata-se com A. S. de Paiva. (167)

CAMPOS & BRANDÃO

SUCCESSORES DO CACHAPUZ

Receberam grande sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras, bem assim: Armas e revolvers de superior qualidade.

Bombas para poços, de systema muito aperfeiçoado, vindas directamente do estrangeiro.

Bacias de ferro, estanhadas, de superior qualidade.

Fogões para cosinha, de diversos systemas e afiançados.

Canas de diversas grossuras, para bengalas.

Goma estrangeira, muito superior.

Ferro em barra, e metaes de todas as qualidades.

Preços sem competencia. (142)

APPELLO A' COMPAIXÃO

Reside em Eira Vedra, comarca de Vieira, uma infeliz, por nome ERMELINDA CARVALHO DE MAGALHÃES, que se vê nas mais difficéis circumstancias, depois que seu marido, condemnado a degredo para a Africa, lhe deixou a casa espantosamente individada, e seis filhos para quem não raro lhe escassea o pão.

Se merece a compaixão geral quem desde a infancia nunca sentiu uma sorte adversa, não menos se torna credora d'ella

a pessoa que, remediada e feliz, foi arrojada á penuria pelo proceder de outrem a quem tem unido o seu coração.

Para minorar as agruras da sorte d'esta infeliz, acha-se aberta uma subscrição n'esta cidade em casa do respeitavel commerciante o illm.º sr. José Antonio da Silva Lomar, á rua do Souto, n.º 28 e 29, para onde se poderão dirigir todos quantos se compadecerem da infeliz mãe. (168)

ZACHARIAS DA SILVA

Com deposito de enxofre de primeira qualidade, moído em pó fino, no campo da Feira, d'esta cidade. Vende-se por 500 reis a arroba, 14.688 gr. (16)

SELECTA

POR

Pereira da Cunha

Acha-se á venda n'esta cidade na vestimentaria Rocha, rua do Souto.

A EGREJA CATHOLICA ROMANA E OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes porque ha passado a Igreja. Seus triumphos. Castigos de seus inimigos.

Por D. Miguel Sotto-Mayor

Um elegante vol. de 190 p. 500 rs.

A RELIGIÃO ENSINA AOS MENINOS

Por Mgr. de Ségur

TRADUZIDO EM VULGAR POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

3.ª edição muito correcta e augmentada

E' um volumezinho nitidamente impresso, e que em 96 paginas que contém encerra a Doutrina Christã explicada com toda a clareza e ao alcance de todas as intelligencias, tornando-se porisso recommendavel para a mocidade.

Preço 120 rs.

Para os snrs. Professores, Parochos e Juntas de Parochia que comprarem porção de exemplares, faz-se bom desconto.

CARTILHA OU COMPENDIO

DA

DOCTRINA CHRISTA

POR

Antonio José de Mesquita Pimentel

Bacharel formado pela Universidade de Coimbra, Abbade de Salamonde no arcebispado de Braga.—5.ª edição muito augmentada.

E' a mais completa de todas as edições que até hoje se tem publicado, tendo porisso merecido a approvação do exm.º e rev.º sr. D. José Arcebispo Primaz, e em.º D. Americo Cardeal Bispo do Porto.

Contém 278 paginas e custa 120 reis encadernada. Qualquer d'estas obras se envia franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas de 25 reis. á livraria dos editores.

VIUVA JACINTHO SILVA & C.ª

134 Rua do Almada 138—Porto.

N'esta livraria tambem se encontra um vasto e selecto sortimento de livros religiosos, estampas, medalhões religiosos, crucifixos, etc. etc.

JOSE DA SILVA FUNDÃO

Com loja de fato feito

13—Largo do Barão de S. Martinho—13



Participa aos seus amigos e freguezes, tanto d'esta cidade como das provincias que tem um bonito e variado sortimento de fato feito, casimiras para fato muito

baratas, cortes de calça a 15500, 25000 e 28500 reis; tudo fazendas modernas.

Guarda pós de casimira e de alpaques inglezes, roupa branca, assim como camisas de 600 reis para cima, ceroulas de 400 reis até 800, de panno familiar, e meotes, bonets de gorgurão de seda e de casimira de todas as qualidades, de 500 rs. até 800; mantas de seda de todos os feitios.

Encarrega-se de fazer qualquer obra que lhe seja encomendada, e promptifica-se a ficar com ella quando não fique á vontade do freguez. (2249)

PILULAS DO DR. BLAUD

Empregadas com o mais grão successo, depois mais de 40 annos por a maior parte dos medicos por curar a chlorosis (fluor branco) doanca das mancebas filhas e todas as molestias chloróticas. Eis aqui a opinião dos mais eminentes medicos que as tem experimentado:

«Depois 35 annos que exerço a medicina, tenho reconhecido a este medicamento (Pilulas de Blaud) vantagens incontestáveis sobre todos os outros ferreos e eu o miro como o melhor anti-chlorótico.»

«De todas as preparações ferreas que nos hão dado bons resultados no tratamento das affeições chloróticas, as pilulas de Blaud parece-nos devem estar na primeira fila.» — Dictionario univ. de Medicina, t. II, page 99.

Como prova da authenticidade, o nome do inventor está gravado sobre cada pillula como aqui junto

Depositos: Paris, 3, r. Payenne.

Em Lisboa, snr. Barreto, Loréto n.º 28—3

O PROGRESSO MODERNO

E O

COMPADRE CATURRA

OU

UMA PALESTRA AO CAHIR DA TARDE

POR

CORNELIO ARGUS.

Preço. 80 réis.

CATHICISMO DO CONTINENTE

CONTRA OS PROTISTANTES

E outros inimigos da Religião e da Igreja

PELO

DR. D. JOÃO GONZALEZ

TRADUÇÃO DE

A. MOREIRA BELLO.

Com permissão do ex.º Cardeal Bispo do Porto

Preço. 160 réis.

Ambas estas obras se vendem no escriptorio da administração da typographia d'este jornal.

Caixa penhorista Bracarense na Travessa de D. Gualdim d'esta cidade.

Continua a emprestar dinheiro sobre penhores todos os dias desde as 8 horas da manhã até ás 9 da noite na mesma caixa.

Vende-se roupas

Pede-se a todos os mutuários que tiverem objectos empenhados na mesma caixa com atraso de juros de tres mezes os venham pagar ou resgatar, senão serão vendidos.

PEDIDO

A Meza da Santa Casa de Misericórdia, de Braga, tendo em consideração a avultadissima despeza que está custando o fornecimento de pannos e fios para o curativo de feridas no Hospital de S. Marcos, empenha n'este acto de caridade a devoção de seus concidadãos.

O escrivão

Lourenço da Costa G. Pereira Bernardes.

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS

QUARTA EDIÇÃO

Novamente correcta e muito augmentada com novas orações e devoções indulgenciadas, e concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Exc.ª Revm.ª o Snr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz.

Vende-se em Braga, na typographia Lusitana, rua Nova n.º 4, e nas livrarias de Manoel Malheiro, rua do Almada, Porto, e Catholica, de Lisboa.

Preço=160 em brochura, e 240 encadernado.

PEDIDO

A Meza do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte roga a todas as pessoas amadoras e possuidoras de jardins, que tenham superabundancia d'arvores de adorno, arbustos, camelias ou outras quaesquer plantas, se dignem favorecer com ellas o mesmo Sanctuario, para embellezar este tão pittoresco local; dando parte ao thesoureiro o snr. Manoel José Rodrigues de Macedo, rua do Souto, n.º 42, n'esta cidade de Braga, para a Meza enviar pessoa competente que do sitio que lhe fôr indicado as traga com o necessario resguardo. A Meza, esperando que este pedido será attendido, fica desde já agradecendo qualquer offerta que n'este genero lhe fôr dada.

Em nome da Meza—O procurador

Antonio Alves dos Santos Costa.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5.

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA FOUCA

RUA DO SOUTO N.º 15—Braga.

N'este armazem se encontram a retalho as seguintes qualidades de vinhos engarrafados:

Vinho tinto de meza. (sem garrafa)	150
» Lagrima	190
» Branco de meza.	200
» tinto de meza fino.	210
» de prova secca.	240
» Malvasia de 2.ª.	300
» » velho.	360
» Malvasia Bastardo e Moscatela	400
» Roncão	500
» Velho de 1854	700
» a retalho para meza 60 e 80, o	600

quartilho tinto, e branco 120.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

VENDA DE CASA

Vende-se a linda casa de S. Miguel-o-Anjo, n.º 33, forrada de azulejo amarello. Tem commodos para numerosa familia, quintal e poço com bomba, agua e gaz em todos os andares. Está acabada a capricho. Tem vistas surprehenderes; é perfeitamente arejada, soalhosa e confortável. E', finalmente, uma magnifica vivenda.

Para vêr e tratar na rua da Cruz de Pedra n.º 8, com Francisco da Silva Araujo. (120)

RESPONSÁVEL—Domingos J. S. Aguiar.

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1880